

## 2 Colonização e Identidade

### 2.1 Retrato do colonizador português em Angola

Os motivos econômicos da empreitada colonial já foram esclarecidos por todos os historiadores da colonização; ninguém mais acredita na *missão* cultural e moral, mesmo original do colonizador. Atualmente, em todo caso, a partida rumo à colônia não é a escolha de uma luta incerta, buscada precisamente por seus perigos, não é a tentação da aventura, mas da facilidade<sup>27</sup>.

Emigração e ocupação de terras, exercício de poder político, exploração de recursos locais, submissão de povos e de territórios, missão civilizadora são as características mais marcantes de todo e qualquer processo de colonização. Mas, outras questões emergem quando nos questionamos sobre quem será o colonizador e sobre suas propostas e razões para buscar expandir seu território. Questões que à primeira vista podem parecer banais, mas que na realidade irão ajudar o pesquisador no detalhamento das mudanças que serão implementadas. Voltando à ocupação angolana pelos portugueses, importa-nos traçar o perfil das pessoas que vão colonizar este território, bem como levantar as razões que os levaram a deixar sua terra natal e enfrentar o desconhecido, apesar de já haver antecedentes históricos que fazem do povo português um colonizador por excelência.

Estes antecedentes da migração portuguesa para as colônias são os mais diversos. No caso específico de Angola, verificamos que esse fenômeno foi provocado e estimulado pelo poder instituído, interessado na exploração dos recursos minerais. Na contramão do interesse salazarista temos o cidadão português cujos motivos vão desde uma ida voluntária, subsidiada pelo poder público português, vislumbrando a possibilidade de mudança do *status* social, uma melhora econômica e até mesmo a busca de liberdade. Na maior parte dos casos, são as pressões econômicas e os problemas sociais, em conjunto com a estrutura da personalidade individual ou do grupo social, que provocam os motivos que levam à migração. Pode-se dizer que uma crise social precede

---

<sup>27</sup> MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 37.

sempre uma grande migração. Fala-se de crise social quando os acontecimentos levam a uma transformação social, para que o homem possa continuar a viver ou possa sentir-se melhor. Uma crise social contém uma série de problemas que mudam ou interrompem o processo regular de desenvolvimento social, ao ponto de levar o indivíduo a procurar um novo meio social para o seu equilíbrio.<sup>28</sup>

A colonização também pressupõe o ato de povoar, pois a fixação de indivíduos em determinados territórios garante, a princípio, a manutenção da soberania política do território descoberto, bem como de toda e qualquer riqueza ali existente. De um modo geral, o próprio ato de colonizar pressupõe a implantação de uma estrutura social dentro dos moldes do colonizador para a colônia, fato que provoca mudanças nas comunidades locais, transformando seus costumes, sua cultura e sua estrutura social.

A emigração dos portugueses foi sempre motivada por razões econômicas, já que o país não podia absorver a mão de obra excedente devido ao seu baixo nível de desenvolvimento econômico. O desemprego, a miséria social nas zonas rurais e a pressão exercida pelo regime fascista de Salazar a partir de 1930 foram, entre outros, fatores que fomentaram as tendências migratórias em Portugal.

Até o final do século XIX, o número dos imigrantes portugueses em Angola foi insignificante. Nos primeiros anos do século XX a presença dos portugueses no território angolano era temporária, já que na maior parte tratava-se de soldados ou membros da administração colonial que, depois do serviço cumprido, regressavam à terra natal, deixando para trás o “purgatório remunerado”.<sup>29</sup>

A partir da segunda metade do século XIX, houve, por parte dos portugueses, a necessidade de ocupar suas colônias na África, motivados pelo fim do tráfico de escravos e pela perda da colônia brasileira. Estes fatos levaram o colonialismo português a dirigir a sua atenção para as possessões africanas, como afirma a professora Carmem Lúcia Tindó Secco:

Só após 1860, cessada a escravatura, Portugal voltou-se para suas colônias na África, intensificando a ação colonizadora, mas continuou a enfrentar, ainda, diversas reações da população nativa.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> LUANSI, L. *International symposium Angola on the Move: Transport Routes, Communication and History*, p. 23.

<sup>29</sup> MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 39.

<sup>30</sup> SECCO, C. L. T. *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: Moçambique*, p. 12.

Colonizar é a raiz da palavra latina *colere*, que, em português clássico, significa cultivar. Para os romanos colonizar era cultivar terras vizinhas ao império. O conceito de *colere* começou a ser entendido como emigração, descobrimento, conquista, dominação de um povo em termos econômicos, políticos e culturais.

O objetivo do colonialismo como sistema resulta da subjugação de todo um povo ou povos que adotarão os valores culturais do outro. Com a chegada dos europeus no século XV e com a sua instalação no século XVI (edificação da cidade de Luanda, então S. Paulo de Assunção por Paulo Dias de Novais), surge o interesse de impor os valores cristãos aos africanos, como religião/batismo, nome e vestuário. Com a tomada de decisão de povoar as colônias, a imprensa foi fundada, escolas foram abertas e a língua portuguesa foi instituída como língua oficial da nação angolana. Com a independência do Brasil, Angola passa a ser o destino dos condenados pela justiça portuguesa e, segundo Clarisse Moreira Aló, “em 1864, os degredados somavam praticamente um terço da população branca de Angola”.<sup>31</sup>.

Portugal, tal como as outras potências coloniais, estava principalmente interessado na exploração e na extração de riquezas das suas colônias, principalmente de matérias-primas que serviriam ao expansionismo industrial europeu. Em Angola, a extração econômica foi mais tarde suplementada pelas influências migratórias quando Portugal precisou resolver o problema de excesso populacional<sup>32</sup>. Nos anos 50 e 60, Angola recebeu milhares de camponeses e colonos empreendedores vindos da metrópole, que sonhavam com a conquista de uma vida melhor no território ultramarino.

Esse grupo vindo da metrópole foi denominado por Albert Memmi de *pequenos colonizadores*<sup>33</sup>. Apesar de não terem todos os privilégios dos funcionários do governo português, ainda assim podiam ser considerados como privilegiados, pois, como nos lembra Memmi, “todos os europeus das colônias são privilegiados”.<sup>34</sup> Sua vida na colônia tinha que ser facilitada para que as

<sup>31</sup> ALÓ, C. M. *Angola: lugar de castigo ou jóia do império. O degredo na historiografia e fontes (séc XIX)*. Tese de mestrado apresentada na Universidade da Brasília em outubro de 2006. p.48

<sup>32</sup> BIRMINGHAM, D. *História de Portugal: uma perspectiva mundial da história*, p. 54.

<sup>33</sup> MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 43.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 44.

dificuldades enfrentadas a partir das diferenças culturais e climáticas fossem diminuídas, assegurando a sua presença em Angola. Porém, como também nos lembra Memmi<sup>35</sup>, para que o colonizador tivesse privilégios, em maior ou menor escala, o colonizado não tinha nenhum. Em outro trecho, Albert Memmi afirma:

Cada gesto de sua vida cotidiana o põe em relação com o colonizado, e a cada gesto ele se beneficia da reconhecida vantagem. Ele se vê em dificuldades com as leis? A polícia e até mesmo a justiça serão mais clementes em relação a ele. Precisa dos serviços da administração? Ela o atormentará menos, abreviando-lhe as formalidades, reservando-lhe um guichê em que os postulantes serão em menor número e a espera menos longa. Procura emprego? Precisa prestar concurso? Vagas e postos lhe serão antecipadamente reservados; os exames serão realizados em sua língua, proporcionando dificuldades eliminatórias para o colonizado. [...]Enfim, ainda que não peça nada, que não precise de nada, basta que apareça para que se fixe a sua pessoa o preconceito favorável de todos aqueles que contam na colônia; até mesmo daqueles que não contam, pois ele se beneficia do preconceito favorável, do respeito do próprio colonizado, que concede a ele mais do que aos melhores dos seus; que, por exemplo, confia mais na palavra dele no que na dos seus.<sup>36</sup>

Manuel Rui, ao escrever *Regresso Adiado*, aponta e levanta questões acerca da manutenção destes privilégios. Após a análise dos contos, poderemos verificar que sua produção literária tem como um de seus objetivos principais a denúncia dessas diferenças em Angola, buscando enfatizar a necessidade da retomada do verdadeiro lugar do angolano em seu país.

## 2.2

### Retrato do colonizado angolano

*Há negros que nasceram em Paris e nada têm com a África a não ser a ascendência. Da mesma forma, há indianos em Londres, brancos em África, amarelos na América. O homem cada vez mais se descontinentaliza. Como pensar então o mundo do futuro com pátrias e nações a partir da raça?*

Manuel Rui

<sup>35</sup> Albert Memmi é escritor e ensaísta de origem tunisiana que migrou para a França. Baseou seu trabalho sobre a dificuldade de encontrar um equilíbrio entre o Ocidente e o Oriente. Seu trabalho mais conhecido é “O colonizador e o colonizado” sobre a interdependência dos dois grupos, publicado em 1957, com prefácio de Jean-Paul Sartre. Sua produção literária está, basicamente, focada nesta temática.

<sup>36</sup> MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 45 – 46.

A questão da unidade nacional constitui ainda hoje uma das preocupações essenciais nos países africanos em geral e particularmente em Angola. Embora as fronteiras herdadas da colonização sejam respeitadas no quadro das convenções internacionais, elas não deixam de ser artificiais pelo fato de terem separado arbitrariamente os povos e destruído, deste modo, os Estados pré-coloniais (nações étnicas) que foram constituídos ao longo de vários séculos de movimentos migratórios *Bantu*. Como se sabe, Angola é, neste contexto, um mosaico de diferentes grupos étnicos e tipos humanos que, antes da penetração européia, tinham diferentes estruturas de organização política, cultural e social, que, naquele espaço, coexistiam de forma nem sempre pacífica.

Nossa reflexão irá recair nesse aspecto em particular, voltando-se diretamente ao grupo colonizado e sua atitude diante do grupo colonizador. Ao levantarmos esta questão, recorreremos a autores como Mildner-Spindler<sup>37</sup>, que propõe uma classificação baseada no tempo que cada um dos grupos étnicos está estabelecido em cada região. Segundo o autor e pesquisador, o grupo mais antigo no território angolano seria o *Bantu*. Já para o pesquisador dinamarquês Manfred Kunder<sup>38</sup>, as populações devem ser classificadas a partir de um ponto de vista sociocultural, que enfatiza os laços de amizade entre os diferentes grupos, que muitas vezes resultavam em casamentos, dando origem a diferentes dinastias.

Com a intensificação do povoamento do território angolano a partir de meados do século XIX, houve o surgimento de outro grupo, o mulato, que é o mestiço resultante da mistura do português com o negro africano. Essa miscigenação foi possível principalmente pelo desequilíbrio no número de homens e mulheres de origem branca.<sup>39</sup> O relacionamento de portugueses com africanas deu origem a famílias mestiças. Portanto, a população angolana, mais particularmente, era constituída de negros, brancos e mestiços. Segundo Alberto de Lemos<sup>40</sup>, em trabalho publicado em 1946, para cada cem brancos havia sessenta e um mestiços em Angola. Este dado seria novamente apontado pela historiadora portuguesa Maria da Conceição Neto, especialista em História de Angola, como de relevância para o entendimento do papel da mestiçagem naquele

<sup>37</sup> Cf. MILDNER-Spindler. *Grunszüge der ethnischen Entwicklung im Territorium Angolas*, Dissertation. Leipzig, 1987, p. 18 (Tradução efetuada pela autora da dissertação).

<sup>38</sup> Cf. KUNDER, M. *Die Portugiesen in Angola*. Dissertation. Heidelberg, 1985, p. 36-39.

<sup>39</sup> Cf. NETO, M. C. *Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX*, p. 327-359.

<sup>40</sup> Cf. LEMOS, A. *Altas questões de administração colonial portuguesa*, p. 17-18.

país, uma vez que nem de uma maioria branca, nem de uma maioria negra era formada a população de Angola no início do século XX.

Em Angola, entre os mestiços de primeira geração, não há filhos legítimos.[...] não há um só caso de casamento branco-negra ou negro-branca. [...] Estudam, educam-se, empregam-se muitas vezes ao nível da posição do pai e casam-se frequentemente com indivíduos de raça européia. Mas já é totalmente diferente o seu destino se abandonados pelo pai. Não se ajustam ao meio, mal aceites, ou até repelidos, pelos negros e inferiorizados, ou como tal se sentindo, perante os brancos. Os negros dizem deles que « não têm terra » e « não têm santo », querendo significar com a primeira expressão que não são de África nem da Europa e significar, com a segunda, que lhes recusam a filiação divina – o que não anda longe da opinião européia de que Deus fez o café e fez o leite mas não fez o café com leite.<sup>41</sup>

Neste trecho de Maria da Conceição há a caracterização de dois personagens de *Regresso Adiado*: Luis Alvim, do conto “Mulato de sangue azul”, e Armando Bernardo, do conto “Com ou sem pensão”. Com esses personagens mestiços, Manuel Rui ilustra o fenómeno da miscigenação ocorrido em Angola e a problemática resultante dele. O primeiro é abandonado pelo pai branco, passando a engrossar a lista dos “excluídos” na sociedade angolana; o segundo tem a oportunidade de ir estudar na metrópole e representa a pequena burguesia negra de Luanda.

Em Lisboa é que não havia pai. Lá um gajo era tratado como senhor, mais que um branco! Com a maior das facilidades, um negro entrava numa casa de quitatas (quitatas brancas!) e o mulherio de cabelos lisos, branco e senhorio, disputavam o gajo com pirocos, pedinchas de cigarros de Angola, afamados pelo aroma (tabaco de raça!)<sup>42</sup>

Como já foi exposto nesta dissertação, o processo colonizador era por si só discriminatório, separava a população nativa da européia através dos privilégios oferecidos ao grupo dos colonizadores e negados aos colonizados, como destaca Memmi na passagem que se segue: “Assim como o colonizador é tentado a aceitar-se como colonizador, o colonizado é obrigado, para viver, a aceitar-se como colonizado”.<sup>43</sup>

Portanto, além da população negra e mestiça que continua com suas vidas e seus costumes, é necessário também mencionar os assimilados, ou seja, aqueles

<sup>41</sup> NETO, M. C. *Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX*, p. 352.

<sup>42</sup> RUI, M. “Com ou sem pensão”. In: *Regresso adiado*, p. 70.

<sup>43</sup> MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 127.

que, para mudar a sua condição social, tentam se enquadrar num modelo europeu, negando sua origem, enaltecendo e valorizando o colonizador através do estreitamento de suas relações. Esta estratégia de aproximação com o colonizador e de negação de seus laços com seu povo leva o colonizado ao *desaparecimento*, uma vez que deixa de pertencer a seu grupo de origem ao mesmo tempo em que não consegue ser aceito pelo colonizador. Trata-se de uma destruição latente de uma parcela significativa da população, que, ao ser assimilada, tende a desaparecer.

### 2.3 Assimilação

Se o Oriente é para o Ocidente o lugar da alteridade, o selvagem é o lugar da inferioridade. O selvagem é a diferença incapaz de se constituir em alteridade. Não é o outro porque não é sequer plenamente humano. A sua diferença é a medida da sua inferioridade. Por isso, longe de construir uma ameaça civilizacional, é tão só a ameaça do irracional. O seu valor é o valor da sua utilidade. Só merece a pena confrontá-lo na medida em que ele é um recurso ou a via de acesso a um recurso. A incondicionalidade dos fins – acumulação dos metais preciosos, a expansão da fé – justifica o total pragmatismo dos meios: escravatura, genocídio, apropriação, conversão, assimilação.<sup>44</sup>

Início esta parte apropriando-me do pensamento de Boaventura de Souza Santos acerca do fim das descobertas imperiais. A respeito deste tema, o sociólogo parte da premissa de que o Ocidente, através de seus desbravadores europeus, deparou-se com o seu Outro. O “Outro” do Ocidente, a expressão é de Boaventura de Sousa Santos, o descoberto, busca abordar três aspectos: o oriente, o selvagem, e a natureza. Em seu capítulo, o sociólogo sintetiza, num tópico, interpretações acerca dos incivilizados que habitavam as terras descobertas pelos europeus e um dos resultados deste pensamento que é a assimilação. Neste processo de se tornar semelhante ao colonizador, o povo assimilado deve romper com suas tradições culturais - suas origens, sua língua e seus costumes -, passando a utilizar os valores impostos pelo colonizador. Com isso, o colonizado assimilado fica fora do processo histórico e social, numa forma de alijamento, incapaz de decidir o seu próprio destino, pois “não desfruta de nenhum dos atributos da nacionalidade; nem da sua,

---

<sup>44</sup> SANTOS, B. S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*, p. 185-186.

que é dependente, contestada, sufocada, nem, bem entendido, da do colonizador. Ele quase não pode contar com uma nem reivindicar a outra”<sup>45</sup>.

O problema é que imitar o seu opressor leva o assimilado a enfrentar dificuldades maiores do que o preconceito e o racismo. O indivíduo se torna marginal em relação ao colonizador e já não consegue integrar-se na sua sociedade de origem, tornando-se um desenraizado.

Em *Regresso Adiado*, Manuel Rui traz à luz este tema, recriando a atmosfera dessa política assimilatória. O escritor busca destacar nesta obra figuras e ações pinçadas do cotidiano angolano, com o objetivo de ilustrar essa realidade. Através de seus contos, verificamos que vestir a “máscara branca”<sup>46</sup> não é a solução para os problemas de Angola, mas a principal razão desses problemas, uma vez que o fantasiar-se branco leva a população angolana a um processo de descaracterização de si própria. O personagem Luis Alvim, do conto “Mulato de sangue azul”, ilustra bem esta descaracterização e a espécie de punição a que estavam sujeitos os assimilados. Na ocasião da sua morte, como nos diz o narrador do conto, sucede que “do coração, ninguém teve pena dele. Nem brancos, nem mulatos, nem pretos”.<sup>47</sup>

## 2.4

### A questão identitária no contexto angolano na década de 70

*Um povo que não reflecte sobre a própria história arisca-se a perder a identidade.*

Joaquim Vieira

Stuart Hall<sup>48</sup> afirma que a partir do final do século XX as sociedades modernas sofreram mudanças que alteraram o lugar do homem como indivíduo social. A fragmentação do homem moderno no que diz respeito à classe, etnia, raça e nacionalidade acabou por modificar as identidades pessoais, desconstruindo a idéia que temos da integração do sujeito à sociedade. Estas mudanças dão início ao que Stuart Hall chama de “crise de identidade”, que caracteriza o descentramento dos indivíduos no mundo social e cultural.

<sup>45</sup> MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 137.

<sup>46</sup> Cf. FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. p. 13

<sup>47</sup> RUI, M. *Regresso adiado*, p. 44.

<sup>48</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. p.18

Em suas reflexões sobre a diáspora, Hall discorre acerca do *deslocamento* resultante principalmente dos processos migratórios, que levaram os indivíduos a se fixarem num lugar completamente distinto do seu lugar original. Neste novo território, fixado à margem, o sujeito busca se adaptar a essa nova realidade, criando comunidades, modificando a cultura local através do intercâmbio de culturas. Por outro lado, mesmo que retorne a seu estado original, este indivíduo levará consigo as características culturais que lhe foram impostas, resultando num distanciamento da sua cultura original. Com isto, surgem as denominadas sociedades multiculturais.

Ao aproximarmos as idéias de Hall às questões da colonização portuguesa na África, verificamos que, no período pós-colonial, haverá por parte dos escritores nativos a preocupação de produzir narrativas que busquem a reconstrução da própria história e, com isso, a retomada da identidade nacional. Manuel Rui é um desses escritores cuja obra está intimamente relacionada com o “processo de reconstrução identitária, afirmando a convivência de muitas raças e culturas”<sup>49</sup>. Num manifesto de sua autoria, intitulado “Entre mim e o nómada - a flor”<sup>50</sup>, o escritor aborda questões como o racismo, a colonização, a língua como arma e a *descontinentalização*. Defende a tese de que a identidade regional angolana está estreitamente ligada a questões de etnia e de pluralidade étnica, o que faz do seu país uma nação plural, cuja singularidade repousa em outros fatores:

o primeiro nível da maravilha reside na diferença: cada um de nós é portador de uma língua, uma cor de pele, uma linguagem, uma maneira de estar. Mas nós somos nós, pela diferença chegados a identidade cultural. [...] Temos objectivos comuns e utilizamos meios culturais. E a nossa arma é forte, de uma liga metálica sabida em todo saber de nossa feliz diferença. Por isso [...], cada um de nós, singular, não pode ser ele próprio sem que nos pluralizemos.<sup>51</sup>

Além desta reflexão sobre a construção da identidade a partir das diferenças, neste fragmento de ensaio, o escritor salienta a importância do resgate da ancestralidade e das tradições orais africanas. Critica veementemente, ainda, o modo com que o colonizador “tirou as coisas do lugar”<sup>52</sup>, desarrumando a nação:

<sup>49</sup>VIANNA, M. F. “Manuel Rui: Uma flor para Angola”. In: SALGADO, M. T.; SEPULVEDA, M. C. *África e Brasil: Letras em laços*, p. 249.

<sup>50</sup>RUI, M. “Entre mim e o nómada – a flor”. p. 541 – 543.

<sup>51</sup>Ibid., p. 543.

<sup>52</sup>Ibid.

Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores, parrelas sobre o erupitar de braços da floresta. E era o texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido e visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegastes! Mas não! Preferiste disparar os canhões.<sup>53</sup>

Neste texto, o escritor teoriza a arte ancestral de contar estórias, além de afirmar que o processo de reconstrução da identidade angolana está relacionado ao resgate da tradição oral destruída por séculos de dominação colonial. Para que haja essa retomada, o seu texto tem que ter objetivos claros, ser uma arma potente, capaz de interligar a tradição dos ancestrais com a realidade do presente, para que a identidade possa ser reconstruída.

## 2.5

### **Função da literatura e da língua portuguesa no contexto literário angolano**

A literatura desenvolveu um papel singular no processo de reconstrução da identidade nacional angolana. Através da arte em geral, Angola e outros países africanos puseram em circulação sua nacionalidade. Em forma de desejo ou de luta, a idéia de nação parece ter norteado o projeto social de delimitação identitária e de valorização das tradições. Neste sentido, a literatura de resistência surge alavancando idéias que levariam Angola à independência. Manuel Rui será um dos escritores que irá se utilizar da escrita como arma de libertação. Em consonância com esta linha de raciocínio, encontramos nas palavras do jornalista, poeta e militante político Amílcar Cabral a seguinte colocação:

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (*língua*) é uma das melhores coisas que os *tugas* nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo.<sup>54</sup>

<sup>53</sup> RUI, M. “Eu e o outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”. In: MEDINA, C. A. *Sonha Mamana África*, p. 308.

<sup>54</sup> CABRAL, A. *Apontamentos sobre a poesia caboverdiana*, p. 101.

Logo, os escritores optaram por assumir a língua portuguesa como um instrumento a seu favor. A apropriação da língua do colonizador tornou-se um direito dos africanos e não uma marca de alienação. Nos últimos anos da época colonial apenas uma pequena percentagem de angolanos falava português como língua materna. Era, claramente, a pequena burguesia urbana, brancos, mestiços e negros, descendentes em muitos casos das velhas famílias escravocratas que prosperaram em Luanda até ao século XIX. Trinta e quatro anos após a independência esse número cresceu de forma impressionante, sendo hoje o português, seguramente, a segunda língua materna mais falada em Angola, logo depois do umbundo. Tal fenómeno, ainda pouco estudado, parece-me verdadeiramente espantoso. Pela primeira vez, uma língua de origem europeia conseguiu enraizar-se na África, tornando-se uma língua africana, num espaço de tempo muitíssimo curto e por ação dos próprios filhos do país.

Haverá muitas explicações para este fenómeno e seria interessante se conseguíssemos discutir algumas, mesmo que de forma superficial. Creio que entre elas estão o fato de o português ter transitado do regime colonial para o novo regime da Angola independente como língua de poder. Também a guerra, ao movimentar grandes massas humanas dentro do território nacional, contribuiu para a expansão do português. Na atualidade, o bom domínio do português revela-se cada vez mais importante para a ascensão política e social, além de revelar-se importante para as transações comerciais entre os países ex-colônias de Portugal.

De acordo com o historiador e crítico de arte angolano Adriano Mixinge<sup>55</sup>, as metáforas literárias, hoje, em Angola, são metáforas híbridas, herdeiras tanto do patrimônio das línguas e culturas africanas locais quanto do imaginário português que, durante séculos, se entrecruzaram e se transformaram em múltiplas combinações. Cada texto literário tem um estilo próprio e traz em si fragmentos de heranças e memórias, expressando metaforicamente, como se fosse um palimpsesto<sup>56</sup>, diversos tecidos culturais subjacentes.

Vários são os escritores que têm se destacado pelo trabalho de reinvenção da linguagem literária em Angola ao produzirem narrativas particulares para tecerem seus textos. José Luandino Vieira, Boaventura Cardoso, Ruy Duarte de Carvalho e

<sup>55</sup> MIXINGE, A. *Metáforas angolanas*. p. 35

<sup>56</sup> “Manuscrito sob cujo texto se descobre a escrita ou as escritas anteriores”. In: *Dicionário Eletrônico Aurélio*, versão Século XXI.

Manuel Rui são bons exemplos. Este último, em especial, tanto em poesia, como em contos e romances, trabalha com a língua portuguesa desdobrando suas possibilidades de significação. Em sua produção literária, faz uso de neologismos, desobedece à norma culta, emprega palavras dos dialetos de seu país, tornando a sua produção mais próxima da realidade da sua nação, resultado de uma dialética entre o outrora e o agora, entre concepções filosóficas africanas e as modernidades.

A literatura de Angola carrega desde o período colonial os tons da realidade deste país, as esperanças de seu povo, as angústias advindas dos conflitos de colonizador contra colonizado, de negro contra negro. Essa literatura busca retratar a vida das tribos, as raízes de sua cultura ancestral. Busca mais ainda: retratar o novo rosto de seu povo. Rosto este construído em entrelaçamentos de negros com negros, negros com indianos, negros do norte da África com negros da África subsaariana, europeus e negros e de todos estes entre si. Tal literatura procura ainda, como uma espécie de compromisso ou missão, espelhar o político, sem escamoteá-lo, trabalhar o estético, sem separá-lo das questões mundanas<sup>57</sup>.

Assim, para concluir este tópico, poderíamos dizer que a literatura continua refletindo as questões fundamentais do povo africano. No passado colocaram em foco a denúncia ao sistema colonial, a fé e a esperança na construção de um país livre, a crença de que o caminho escolhido levaria à utopia desejada e perseverada pelos anos de luta na guerrilha e pelas vidas humanas perdidas no enfrentamento com o exército colonial, ou mesmo abatidas pelas minas plantadas no solo de sua pátria, de onde nasceria hino e bandeira a representar a autodeterminação do povo. Hoje tais literaturas refletem sobre as contradições e os desafios vivenciados pelo povo angolano no chamado “mundo globalizado”. Criticam as elites dirigentes e denunciam as razões que levaram os projetos da utopia a naufragarem. Além disso, ainda resgatam elementos importantes da cultura fundadora, trazem seus desenhos e nuances para as páginas dos textos, de onde ouvimos o tambor africano, que o diferencia e, ao mesmo tempo, o lança no caleidoscópio de culturas do mundo globalizado. O mais importante, portanto, é que na tessitura de palavras em português e na exposição das contradições, os germes de esperança ganham formas e novas formas de luta vão sendo evidenciadas.

---

<sup>57</sup> SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*, p. 71.